

CRISE DO JORNALISMO LEVA ECA A ADAPTAR O CURRÍCULO DO CURSO

Luciano Victor Barros Maluly
Professor da ECA-USP

Daniel Garcia



Debates como o realizado pela Adusp no Auditório Lupe Cotrim (ECA, 2012) indicam vitalidade do jornalismo alternativo e independente representado por profissionais como Alberto Dines e Lúcio Flávio Pinto, frente ao jornalismo mainstream praticado sob o comando das famílias Marinho, Civita e outras



Daniel Garcia

Memória Globo



Fábio Rossi/Agência Globo

O professor Dennis de Oliveira, chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP, aborda as mudanças que desafiam os jornalistas e assinala o caráter singular do jornalismo, que possui estética, ética e metodologia próprias, as quais lhe conferem caráter transversal frente às diferentes plataformas de mídia. Estudioso do jornalismo alternativo e da cultura popular, Dennis critica a cômoda superficialidade do jornalismo mainstream praticado pelas empresas monopolistas

O professor Dennis de Oliveira é considerado um dos principais estudiosos em comunicação, cultura popular e jornalismo alternativo do Brasil. Como pesquisador e docente, defende o diálogo como arma contra o autoritarismo e o preconceito, tanto que, na sua tese de livre-docência, discute o jornalismo por meio do pensamento do educador Paulo Freire. Recentemente, assumiu a chefia do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), onde leciona desde 2003 e estudou na graduação e na pós-graduação. A nova função propõe desafios e discussões em torno do jornalismo, como a defesa dos direitos humanos, as contestadas experiências pedagógicas, a convergência digital, a carreira docente, a reforma curricular e a crise na Grande Imprensa.

Na conversa a seguir, Dennis explica que o jornalismo, “como atividade intimamente ligada aos valores democráticos”, deve ter como “eixo central nos seus procedimentos” o combate tenaz a formas

de discriminação como o racismo, o machismo e a homofobia, bem como a outros comportamentos que desrespeitem os direitos humanos. Também rejeita o emprego de estereótipos no tratamento dos grupos subalternizados, como mulheres, negros e homossexuais.

O Curso de Comunicação Social da ECA, com habilitação em jornalismo, vive uma reforma curricular, com a finalidade de adaptação “à situação da profissão de jornalista, que passa por uma crise”, segundo Dennis. A seu ver, o jornalismo transcende as linguagens e as mídias e sobreviverá à crise, por ser “uma modalidade singular de comunicação”. Além disso, é preciso superar a mediocrização e buscar alternativas: “O coração do jornalismo é a reportagem e o lugar do jornalista é na rua e não no gabinete”.

Seus estudos (bem como sua atividade política) tocam na questão dos direitos humanos. Dessa forma, como você aborda temas como a igualdade e a diversidade em suas aulas de jornalismo?

DENNIS. Como princípios éticos necessários na abordagem das pautas, das fontes e da linguagem jornalística. Racismo, machismo e homofobia, para citar os principais procedimentos de desrespeito a diversidade e aos direitos humanos se expressam em todas as relações cotidianas e o maior problema de tudo isto é quando tais práticas são “naturalizadas” ou ainda são vistas em uma dimensão menor que elas realmente têm. Por isto, o jornalismo, como atividade intimamente ligada aos valores democráticos, deve ter como eixo central nos seus procedimentos o combate tenaz a estas formas de discriminação bem como a outros comportamentos de desrespeito aos direitos humanos. Quanto a isto, o jornalismo deve ter nitidamente um lado e não só como posição, mas como prática. Por exemplo, quando falamos na linguagem, é puro machismo a recusa dos jornalistas em chamar a atual mandatária do país de “presidenta” como o movimento feminista reivindica para marcar a condição de mulher. Como é racismo tratar

Daniel Garcia

**Professor Dennis de Oliveira**

estes grupos subalternizados — mulheres, negros, homossexuais — a partir de estereótipos.

O curso de jornalismo da Universidade de São Paulo possui uma disciplina em que os alunos elaboraram um jornal destinado à Comunidade São Remo, em São Paulo. Como surgiu essa ideia e por que essa experiência ainda é contestada por muito estudiosos da área?

DENNIS. A disciplina surgiu há 21 anos, mais especificamente em setembro de 1994 por iniciativa do professor Manuel Carlos Chaparro. Na ocasião, esse professor ministrava uma disciplina chamada “Laboratório de Texto”. A iniciativa de criar um jornal comunitário, inicialmente um mural, deveu-se à constatação do professor de que o texto jornalístico depende do seu público. Daí então que o desafio de escrever para um público com perfil radicalmente distinto do aluno da USP seria um aprendizado interessante. Com o tempo, a experiência do *Notícias do*

Jardim São Remo foi agregando outros valores importantes para o fazer jornalístico, como a questão ética, o compromisso político com as classes subalternizadas, a necessidade de se ampliar o escopo da cobertura jornalística para além dos cinturões de ferro das esferas do poder político e econômico, e de um fazer jornalístico fora dos gabinetes das redações.

O aluno de jornalismo da ECA inicia o seu aprendizado em jornalismo com esta rica experiência, que demonstra que as ações extensionistas da universidade são uma dimensão especial de construção do conhecimento e de aprendizado.

O Departamento de Jornalismo e Editoração possui publicações tradicionais, como o Jornal do Campus, o Notícias do Jardim São Remo, o Suplemento Claro! e a Revista Babel, esta agora apenas on-line. É possível dizer que o Departamento segue o atual quadro de migração dos periódicos impressos (jornais e revistas) para a versão digital?

DENNIS. Aos poucos isto está acontecendo, ainda há uma certa prevalência dos meios impressos, porém existem projetos interessantes como a Agência Universitária de Notícias (AUN), que nasceu como veículo impresso e hoje é digital, e vem incorporando a linguagem multimidiática. Entretanto, acredito que ainda é preciso implantar uma reflexão mais aprofundada sobre essa linguagem na produção da informação, que implica estudar as possibilidades várias que as plataformas digitais geram para a produção e apropriação da informação. Entretanto, sou da opinião que jornalismo transcende as linguagens e os suportes, ele tem particularidades que transversalizam todas estas possibilidades, que são a sua ética, a sua metódica e a sua estética comunicativa.

Como motivar os colegas a enfrentarem novos desafios na graduação e na pós-graduação?

DENNIS. Há uma dissociação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Isto tem criado professores que consideram mais importante o ensino, outros que acham que é a pesquisa e outros, a extensão. A USP é uma universidade que se notabiliza pela pesquisa, pela produção do conhecimento. Há vários docentes envolvidos nisto. Porém, o que falta é estabelecer pontes entre esta produção de conhecimento, que é notável, e as atividades de ensino e mesmo de extensão.

A extensão não pode ser vista apenas como eventos, uma visão pobre e superficial. É uma dimensão de produção de conhe-

cimentos, difere da pesquisa por ter metodologias singulares. O que se necessita é uma discussão mais aprofundada do projeto político-pedagógico da universidade e dos seus cursos, e como isto se reverbera nas ações de ensino, pesquisa e extensão. Com isto, os professores ficariam menos desorientados quanto a estas exigências e compreenderiam melhor os seus papéis dentro dos departamentos, núcleos de pesquisa, unidades etc.

O Curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, passa por uma reforma curricular. A nova proposta trará benefícios à formação profissional ou será apenas uma mudança nos horários e nos nomes de disciplinas?

DENNIS. A nova proposta adapta o curso à situação da profissão de jornalista, que passa por uma crise. Esta crise do jornalismo decorre do fato de que o jornalista perdeu o monopólio da novidade e da produção da informação. A informação circula em grande quantidade independentemente da mediação jornalística. O que fazer diante disto? Definir as fronteiras do que é e não é informação jornalística. E tal modalidade de informação pode circular em vários suportes, desde as mídias tradicionais até as novas plataformas.

O curso de jornalismo tem que deixar de ser um curso para ensinar a fazer jornal impresso, *on line*, de rádio e de TV para ensinar jornalismo — isto é, quais são as características centrais desta atividade? Nem tudo que temos nas mídias é jornalismo; e jornalismo, como uma

modalidade singular de comunicação, transcende as mídias. Foi com esta preocupação que foi elaborada a nova proposta de grade curricular, que inclui determinadas práticas jornalísticas ausentes no atual currículo, como o jornalismo organizacional; ampliando o prazo para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso, que passa a ser de um ano, sendo seis meses para elaboração do projeto e seis para execução; regulamentando os estágios que passam a ser permitidos somente após o quinto semestre; instituindo as atividades complementares para incentivar os alunos a participarem de atividades de pesquisa e extensão na universidade; e fomentando um campo de reflexão crítica sobre o jornalismo e não apenas (embora isto continue) das mídias e da sociedade em geral.

Existe uma crise nas grandes empresas de jornalismo, com o retorno da demissão em massa de profissionais da área. Como um dos poucos professores que trabalham com o jornalismo popular e/ou alternativo, é possível dizer que existe uma relação deste momento com o monopólio dos meios de comunicação de massa no Brasil, em especial do Grupo Globo?

DENNIS. O que existe é uma crise de credibilidade das mídias hegemônicas. A sociedade hoje desconfia do jornalismo praticado por estes grupos, que se refugiaram no comodismo dos seus monopólios, acreditam que fazer jornalismo é simplesmente seguir determinados procedimentos técnicos e não acompanharam as mu-

danças que a sociedade, em especial a brasileira, vem passando. Por isto, esta crise. Nos meus tempos de estudante de jornalismo, nos anos 1980, todos nós chegávamos na aula com um jornal ou revista debaixo do braço. Hoje, raramente isto acontece. Determinados temas, como a homossexualidade, o racismo, a violência contra a mulher, a vida nas favelas, são muito mais retratados nas telenovelas do que no jornalismo e isto é muito complicado, porque telenovela é ficção e não tem compromisso com o interesse público e muito menos com a veracidade das informações.

Vejo uma mediocritização geral nas redações, comentários e análises superficiais e movidos muito mais por dogmas do que por argumentações lógicas, reportagens padrão “Boletim de Ocorrência” que se satisfazem apenas com declarações de fontes dos “dois lados”, tudo isto como produto de uma rotineirização dos procedimentos de produção jornalística. O que é mais grave é a arrogância de vários colegas, em especial os que comandam as redações, que se recusam a ver criticamente esta situação.

Por outro lado, esta crise tem motivado vários profissionais a buscarem alternativas, seja em termos de plataformas e linguagens, seja em projetos midiáticos, o que é muito positivo. Gosto muito de uma frase do Gay Talese que diz que prefere entrevistar os perdedores ou anônimos, pois os famosos e vencedores tem um discurso pronto e previsível. O coração do jornalismo é a reportagem e o lugar do jornalista é na rua e não no gabinete.